

UM OUTRO OLHAR SOBRE OS CEMITÉRIOS: Refletindo à arte cemiterial sob a perspectiva das pesquisas, ações, passeios e eventos culturais

Dra. Clarisse Ismério¹
claisseismerio@urcamp.edu.br

Texto recebido em/Text submitted on: 30/08/2017

Texto aprovado em/Text Approved on: 25/10/2017

Resumo

A morte e os cemitérios são temas considerados como tabus por grande parte da sociedade. Por outro lado, nos últimos anos, observamos um aumento das pesquisas em torno dessas temáticas, seja por tentar refletir mais sobre a morte ou por tentar conhecer o passado através da arte cemiterial. Cada cemitério é um museu a céu aberto, pois possibilita reconstituir a história das famílias tradicionais, a mobilidade social e sua mentalidade, fruto da importância política e da opulência econômica das cidades. Diante dessa visão, propomos uma reflexão sobre as pesquisas, ações, passeios e eventos culturais que possibilitam ver a cemiterial com "outros olhos".

Palavras Chave: *Arte, Cemitério, Pesquisa, Patrimônio, Cultura.*

Abstract

The death and the cemeteries are considered taboos by many people. On the other side, the recent years, we have seen an increase in research around these themes, either by trying to reflect more about death or trying to know the past through cemetery art. Each cemetery is an open-air museum because it makes it possible to reconstruct the history of traditional families, social mobility and their mentality, fruit of the political relevance and the economic opulence of the cities. In this vision, we propose a reflection on the researches, actions, walks and cultural events that make possible to see the cemetery with "other eyes".

Keywords: *Art, Cemetery, Research, Heritage, Culture.*

Introdução

Normalmente quando falamos em cemitérios a primeira imagem que vem à mente é de morte e de desolação, mas quando observamos mais detalhadamente seu acervo escultórico nos deparamos com outra realidade. Os cemitérios podem ser considerados verdadeiros museus a céu aberto e, devido à riqueza de seu acervo, são provas concretas da opulência econômica e política das cidades.

¹Historiadora. Doutora em História do Brasil pela PUCRS. Professora e Pesquisadora da URCAMP/Bagé/RS.

Com o tempo, os cemitérios perderam gradativamente o seu aspecto mórbido e desolador para virarem local de convivência e sociabilidade. Tornaram-se guardiões da cultura e da memória de seu povo por conservarem os restos mortais de figuras ilustres (ARIÉS, 1982, p. 578-579). Esses espaços não foram criados somente para abrigar os mortos, mas para serem apreciados pelos vivos, pois quando “(...) criados no período Romântico foram concebidos precisamente para ser visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época” (QUEIROZ, 2007, p. 1).

Assim, no presente artigo, propomos uma breve reflexão sobre as pesquisas, passeios e eventos culturais que possibilitaram, ao longo dos anos, um outro olhar sobre os cemitérios e seu acervo escultórico.

A pesquisa referente a arte cemiterial ou tumular: alguns recortes

O precursor dos estudos referentes à arte cemiterial ou tumular no Brasil foi Clarival do Prado Valladares, que publicou em 1972 a obra “Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros”, um estudo extenso e detalhado sobre a arte e arquitetura dos cemitérios de várias cidades brasileiras, fruto de uma minuciosa pesquisa desenvolvida de 1960 a 1970. Em 1973, numa autocrítica sobre sua pesquisa, publicada na Revista Brasileira de Cultura, salientava que “Entre a data de entrega dos originais à tipografia (1970) e a de publicação (1972) foram inumeráveis as mutilações, destruições, desapropriações de jazigos ditos perpétuos que observamos nos cemitérios do Rio de Janeiro” e que alguns dados importantes ficaram de fora, como da:

(...) enorme construção comunitária dos edifícios dos Cemitérios de São Miguel e Almas, de Porto Alegre, que traduzem muito bem o caráter organizativo da sociedade a que servem. Nem teria escapado a pomposidade burguesa dos cemitérios de Belém, vicejantes no curso da riqueza da borracha, cercados de gradis ao invés de muros, para que a pompa dos túmulos custosos pudesse ser vista de longe. Falha maior, do livro, verifica-se em relação aos cemitérios de igrejas, e das catacumbas, de Minas antiga. (...) Deixei, também, de perceber a transformação das catacumbas de ordens ricas, v. g. , a do Carmo de São João dei Rey, de São Francisco de Cabo Frio, e da Ordem da Penitência da Bahia, de seus primitivos protótipos bem equilibrados e discretos, em túmulos jactantes e fantasiosos, laicizando, a toda força, aquilo que trazia a sobriedade religiosa (VALLADARES, 1973, p.10).

Valladares salientava que apesar dessas “falhas” produziu uma obra de grande referência que serviria de base para futuras pesquisas sobre arte tumular e cemitérios. E

não escondia sua grande satisfação de ter transformado um assunto “tabu”, outrora esquecido pelos estudiosos, num tema de pesquisa em ascensão:

Alegra-me, sobretudo, verificar que os mais novos darão melhores frutos. Assim serão vistos, sempre, através do meu reconhecimento e através da alegria de quem não pode negar, nem se esquecer, que nesses novos rumos dos estudos sobre genuinidade brasileira foi semente que medrou e viceja (VALLADARES, 1973, p.16).

E o tema frutificou primeiramente nos estudos de Maria Elizia Borges, Tania Andrade Lima e Harry Rodrigues Bellomo. A pesquisadora Maria Elizia Borges (2002), analisa a arte e arquitetura funerária por meio da produção dos artistas marmoristas italianos e dos ateliês de Ribeirão Preto. A autora observa que a grande produção da arte tumular desenvolvida entre os anos de 1980 a 1930, foi fruto do gosto peculiar e ostentatório dos grupos sociais em ascensão,

A efervescência narcisista, típica da burguesia, levou a nova classe a querer registrar suas particularidades nos cemitérios, que se tornaram o local propício para: eternizar o individualismo do homem, recém valorizado após a morte; romper o anonimato das pessoas que passam a promover-se, distinguir-se dos demais, adquirir propriedades perpétuas, cabendo aos homens poderosos o melhor quinhão da vida eterna. Esses cemitérios atestam ainda hoje o alto padrão social das famílias burguesas que se aglomeraram nesse habitat póstumo (BORGES, 2002, p.130-131).

Já a investigação de Tania Andrade Lima versa sobre as mudanças no imaginário coletivo referente a morte, nos cemitérios do Rio de Janeiro, em 1880, fruto da ruptura da ordem escravocrata. A pesquisa foi desenvolvida nos cemitérios da Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (Cemitério do Catumbi), escolhido como referência de cemitério religioso; e o Cemitério de São João Batista, como cemitério secular (LIMA, 1994, p.93). Assim, metodologicamente cada cemitério foi entendido:

(...) como um sítio arqueológico, sendo os jazigos considerados como artefatos e, nessa condição, reunindo uma série de atributos. Dentre estes, foram destacadas, privilegiadas e isoladas para análise, tendo em vista os fins propostos, não apenas a forma e a função (sempre estreitamente associadas), mas sobretudo as representações iconográficas (LIMA, 1994, p. 95).

Bellomo (2000), trabalha com as múltiplas tipologias cristãs da arte funerária nos cemitérios de Porto Alegre e do interior do estado do Rio Grande do Sul, destacando que se caracterizam como importantes fontes históricas, pois colaboram para a preservação da memória familiar e coletiva. Permitindo, dessa forma, o estudo das manifestações e crenças religiosas, das ideias e posturas políticas; mostrando os gostos artísticos da sociedade; oportunizando o conhecimento da formação étnica do município e da

expectativa de vida da população; além de propiciar o desenvolvimento de estudos genealógicos. Nos anos que trabalhou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Bellomo coordenou um grupo de pesquisa denominado Cemiteriais, cujos trabalhos foram publicados no livro “Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia”, de 2000 e 2008. Um dos pesquisadores do grupo foi Thiago Nicolau de Araújo, que em sua tese de doutorado realizou um estudo comparativo dos elementos culturais teutos presentes nos cemitérios no Rio Grande do Sul com os cemitérios alemães. Esse trabalho foi publicado em 2016, com o título “O Que Amamos não Esquecemos: Cemitérios - Finitude – Teologia”.

Outra pesquisa de relevância é a dissertação de Sérgio Roberto Rocha da Silva, “A Representação do Herói na Arte Funerária do Rio Grande do Sul (1900-1950)”, defendida na UFRGS em 2001, que demonstrou as representações simbólicas e alegóricas do herói positivista presentes em túmulos dos cemitérios de Rio Grande, Porto Alegre e Bagé.

Especificamente sobre o Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé existe a pesquisa de mestrado de Eliane Bastianello, “Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)”, de 2010, que estudou os simbolismos, as edificações e ornamentos funerários desse espaço de memória. O estudo também destaca a importância do escultor-marmorista José Martinez Lopes na produção local.

E diante da importância e das possibilidades deste campo de investigação, iniciamos em 2007, o “Projeto História através da Arte Cemiterial”, uma pesquisa cujo objetivo foi refletir a história do município de Bagé por intermédio das representações simbólicas expressas no Cemitério da Santa Casa de Caridade². Caracterizou-se também, como uma pesquisa documental, estruturada em fontes primárias bibliográficas, materiais e orais. As informações foram sistematizadas em três etapas: identificação dos túmulos e mausoléus, registro fotográfico, levantamento de informações nos jornais e com as famílias locais.³

²O Cemitério da Santa Casa de Bagé, de 1858, possui um conjunto de túmulos de inestimável valor histórico. Em seu acervo estão figuras notórias da sociedade, envolvendo mausoléus de famílias tradicionais e de heróis da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai. Esse cemitério guarda uma parte da história da “rainha da fronteira”(apelido da cidade de Bagé) que pode ser contada por intermédio de seus vultos históricos, das representações simbólicas e pela releitura promovida pelo imaginário social.

³No livro MULHER: a Moral e o Imaginário 1889-1930, publicado em 1995, o terceiro capítulo analisava as representações femininas presentes das peças teatrais, na estatuária facadista e na arte cemiterial.

Alguns dos resultados foram publicados artigo “Os Símbolos e Representações Femininas da Arte Cemiterial no Período Republicano do Rio Grande do Sul/ Brasil (1889-1930) ” analisamos alguns túmulos significativos do Cemitério da Santa Casa de Bagé, Cemitério da Santa Casa de Misericórdia e São Miguel e Almas, de Porto Alegre, sob a perspectiva do imaginário feminino criado pelos positivistas. Observamos que as imagens femininas presentes nos cemitérios foram criadas com o intuito de era educar a população e, principalmente, a mulher, conscientizando de seus deveres e de seu lugar dentro da sociedade, manipulando o imaginário popular por intermédio de símbolos e signos.

Contudo, os resultados da pesquisa auxiliaram, principalmente, na construção do evento cultural Sarau Noturno (2008), desenvolvido no cemitério da Santa Casa de Bagé.

Desmistificando os cemitérios a partir de ações, eventos e passeios culturais

Consideramos as pesquisas relacionadas à arte cemiterial não devem ficar somente restrita ao universo acadêmico, necessitam que sejam sociabilizados com a comunidade, uma vez que entendemos que a preservação da cultura de uma cidade, bem como de todo o seu patrimônio deve ser uma meta de todos. E, para isso ocorrer, é necessário que haja uma conscientização dos grupos sociais para que vejam sua história como um bem mais precioso.

De fato, um projeto de conscientização da sociedade deve ser realizado através da educação, ou ainda, da educação patrimonial que segundo Horta:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da educação patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando para melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, GRUMBERT e MONTEIRO,1999, p.6).

A autora se refere à educação patrimonial como um instrumento de alfabetização cultural, na medida em que possibilita a reconstituição do conhecimento e a apropriação dos valores e significados. O trabalho pedagógico desenvolvido sob a perspectiva da educação patrimonial, seja formal ou não formal, busca a “ativação da memória social, recuperando conexões e tramas perdidas (...) promovendo a apropriação pelas

comunidades de sua herança cultural, resgatando ou reforçando a autoestima e a capacidade de identificação dos valores culturais” (HORTA, 2000, p. 35).

Torna-se extremamente necessário um trabalho de educação patrimonial permanente, contínuo e que possa, através de suas ações, para que possa atingir toda a população em todas as idades, proporcionando um acompanhamento dos órgãos públicos e particulares que estiverem envolvidos com cultura, turismo e educação (ISMÉRIO, 2013).

Assim, por entender que o Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé caracteriza-se como uma instituição cultural, buscamos desenvolver neste espaço um evento, o Sarau Noturno (2008), para contar um pouco da história local e seu imaginário simbólico, mesclando com passagens e personagens da literatura romântica.

O projeto desenvolve a metodologia da Educação Patrimonial, pois sensibiliza e convida a população a ver o acervo escultórico do cemitério com “outros olhos”, fazendo entender que os túmulos e mausoléus são vestígios do passado que registraram a história da cidade. Com o trabalho pedagógico desenvolvido por meio da Educação Patrimonial, buscamos reordenar os fragmentos de memória do passado, reconstruindo as identidades e a cultura local, contribuindo para a valorização da sociedade.

A proposta de integrar textos da literatura universal com a história local está dentro da perspectiva do pós-modernismo, buscando no passado elementos que ajudem na composição da obra contemporânea. A partir da concepção do “ir e vir”, dos símbolos e representações, cria-se uma reconfiguração de atributos e estilos, indo do clássico ao moderno, por intermédio da sobreposição de valores culturais reordenados (LYOTARD, 1993).

A seleção e criação dos textos ocorreram de forma coletiva, na qual cada participante poderia escrever um texto com os dados, tendo como referência os dados coletados durante a pesquisa, ou indicar autores marcantes da literatura universal.

Assim, as personalidades locais foram associadas a grandes nomes da literatura, como George San, Lord Byron e Charles Baudelaire, com personagens shakesperianos, como Hamlet, Ofélia, Henrique V e com a marcante Lisístrata, personagem principal da comédia antiguerra de Aristófanes. A escolha deles se deu pela personalidade marcante, força simbólica e por melhor se integrar as passagens propostas.

A estreia do Sarau Noturno ocorreu às 22 horas do dia 31 de outubro de 2008 no Cemitério da Santa Casa de Bagé e, nesse dia, a comunidade do município se fez presente

para conhecer o evento. Muitos foram levados pela curiosidade, e outros por certa dose de descrença e ironia referente ao projeto. Entretanto, ao iniciarmos a apresentação, foram envolvidos por uma atmosfera de romantismo e nostalgia, que os sensibilizou frente à grandeza e beleza do local e das histórias que guarda registrada nos túmulos e mausoléus de seus antepassados que representam parte da história da cidade de Bagé ali enterrados.

Durante suas apresentações o público é levado a um passeio entre os túmulos e mausoléus que, em seu silêncio, guardam a história das figuras ilustres da cidade. E por meio dos textos representados pelos acadêmicos envolvidos no projeto passam a conhecer um pouco mais do patrimônio cultural local (Imagem 1).



Imagem 1: Sarau Noturno, fotografia de Jeferson Vainer.

Durante as apresentações do Sarau Noturno, brindamos a população de Bagé com música, poesia e história. E aos poucos a popularidade foi crescendo e tomando uma grande dimensão entre a comunidade. Marcou o cenário da cultura estadual e nacional quando foi matéria do Grupo RBS e do Programa Mais Você (Rede Globo).

Foi tema de redação da aluna Josiele Amaral Vieira, da Escola Estadual de Educação M. José Gomes Filho para o site Educa Rede da Fundação Telefônica Vivo. E também matéria de capa da Revista Aplauso, de número 99, sob o título “Música e poesia no templo da morte”, escrita pela jornalista, Niela Bittencourt, que destacou trechos do roteiro e

curiosidades do Sarau Noturno. A matéria foi ilustrada por fotos do fotógrafo Leko Machado (Imagem 2).



Imagem 2: Matéria de capa da Revista Aplauso. Fotografias de Leko Machado.

O público que acompanhou as apresentações pode contemplar um momento único no qual a história de Bagé foi contada de maneira sensível e envolvente. E tal experiência os marcou profundamente tornando-os admiradores e pesquisadores da arte cemiterial, como relata a veterinária Ana Romero e o professor Nilo Rossel:

Para mim esta obra foi algo surpreendente e inusitado. Fui ao cemitério numa certa noite ver minha filha atuar. Não sabia realmente do que se tratava, mas, após está experiência minha visão mudou. Nasceu então um interesse sobre esta arte. Hoje em dia já não percorro um cemitério sem que observe detalhadamente os monumentos. Fotografo e me ponho a imaginar... Como viveu aquela pessoa e o quê sua família quis eternizar através da simbologia de cada escultura. (Ana Romero, Veterinária, 2016).

Os saraus deram vida ao cemitério. Ao lugar de onde menos se poderia esperar que viesse vida e fizeram com que as pessoas colocassem um pouco de passado em seu presente, ao mesmo tempo que foram um verdadeiro presente ao nosso passado. Foram um grande êxito (Nilo Rossel, professor, 2016).

Antes de ocorrer as apresentações, algumas pessoas consideravam o Sarau Noturno como um evento mórbido e desrespeitoso. Na realidade os comentários eram fruto do desconhecimento da proposta, por terem medo de ir ao cemitério à noite ou por receio da morte. Esse fato é bastante normal, uma vez que a morte é a grande certeza da

humanidade, pois ao nascer já iniciamos nosso processo de finitude. As ideias negativas sobre nosso evento produziram ações positivas, uma vez que instigou a curiosidade de muitos e os fez ir ao cemitério nas noites de sarau para verificar se tais rumores eram realmente procedentes. Como exemplo, destacamos a professora Ângela Carretta que emocionada conta suas impressões sobre as apresentações e como passou de espectadora à expectadora do Sarau Noturno:

É com grande satisfação que acompanhei as atividades do Sarau Noturno, como expectadora, em diversas fases. Tive a oportunidade de assistir ao espetáculo 3 vezes, mas além disso acompanhei as reportagens que tratavam do impacto de quem assiste, das perspectivas de um olhar da idealizadora que foi capaz de entrelaçar aspectos históricos a excelentes textos literários, bem como alunos de diversos cursos num compromisso de se fazer extensão de uma forma bem contemporânea. Numa proposta de promover um evento cultural de alto nível, de desmistificar a morte e de transformar os conhecimentos de suas pesquisas sobre símbolos, contidos nas artes cemiteriais, em conhecimento "popular". Nós, docentes sabemos que esta transposição não tem sido comum em nossas universidades. Confesso que fui assistir ao espetáculo pela 1ª vez na intenção de prestigiar o evento promovido pela Universidade em que atuo como docente e para constatar se alguns comentários referentes a ele eram procedentes. Afirmando que não procediam, pois não era nada mórbido, o respeito aos vultos transcendia aquele Campo Santo e uma frase da professora Clarisse durante a abertura do espetáculo traduz toda sua intenção enquanto historiadora: "Trata-se de um museu a céu aberto". Iniciei sim como espectadora, mantinha a postura inicial de quem observa e examina. Mas ao longo do espetáculo me metamorfoseei em expectadora, pois a cada cena novos personagens surgiam e nos surpreendiam, gerando uma expectativa de que alguma coisa nova poderia acontecer a qualquer instante. Gostei tanto, aprendi muito que retornei e vislumbrei um espetáculo inesquecível. Hoje eu conheço a idealizadora, sou fã da proposta e terei enorme prazer em ser uma de suas personagens, quando os docentes universitários participarem como atores. Parabéns à URCAMP, aos alunos que atuaram/atuam e, em especial à Dra Clarisse Ismério que nos presenteia com seu belíssimo trabalho. (Ângela Susana Jagmin Carretta, Coordenadora da Iniciação Científica da URCAMP, 2016)

Criamos também a modalidade de palco com a finalidade de levar o cemitério a outros públicos, realizando apresentações no Festival de Teatro de Dom Pedrito e no Teatro de Santa Thereza em Bagé. Nessa modalidade, levamos o cemitério para o palco usando o recurso de projeção dos túmulos e mausoléus sob uma tela. Porém observamos que muito da magia que ocorre nas apresentações no cemitério se perdeu, contudo, tais apresentações foram importantes uma vez que divulgaram o evento e despertaram a curiosidade de mais pessoas, que foram assistir à apresentação do cemitério.

Em agosto de 2011, desenvolvemos oficinas de arte na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido, fruto de uma parceria com o Projeto Educação e Cidadania, do PROCIBA (Projeto Cidadão Bageense), coordenado na época pela professora Claudia

Corral. Nossas oficinas possibilitaram a organização de um novo grupo formado por alunos na faixa etária de 12 a 14 anos (Imagem 3). Dessa forma, houve a possibilidade de montarmos uma versão mais jovem do evento denominado Sarau Noturno Teen.



Imagem 3: Sarau Noturno Teen. Fotografia de Tony Martins.

Cabe destacar que, apesar da escola estar localizada próxima ao Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, os alunos não conheciam o acervo escultórico do local e nem sua importância histórica. A partir das oficinas ministradas, ensaios e com a apresentação do Sarau Noturno, os alunos envolvidos no projeto passaram a conhecer a importância do local e tornaram-se multiplicadores desse conhecimento. Com a proposta do Sarau Noturno Teen conseguimos sensibilizar a comunidade escolar da região.

No ano de 2012, fizemos uma apresentação especial do Sarau Noturno durante o IV Festival Internacional de Cinema na Fronteira, que ocorreu no mês de novembro em Bagé. Estiveram presentes na apresentação, além do público fiel, cineastas do Brasil, América Latina e Europa que puderam apreciar a beleza e importância do evento.

Em 2013, na disciplina de Mídia e Cultura do Curso de Comunicação produziu-se um documentário sobre o Sarau Noturno. O resultado foi registro Urcamp Documenta Sarau Noturno que conta a trajetória sob a perspectiva de depoimentos de pessoas que participaram ou colaboram como projeto. Atualmente, conta com a participação dos acadêmicos do curso de História, Ciências Biológicas, Comunicação e Psicologia da Universidade da Região da Campanha (URCAMP).

Trata-se de um projeto exitoso que atua como mediador cultural, pois sensibiliza e convida a população a ver o acervo escultórico do cemitério com “outros olhos”. Devido a

projeção nacional o Sarau Noturno inspirou outros admiradores de arte cemiterial, como ocorreu com historiador Júlio Polli, da cidade de Jaú, São Paulo que conheceu a proposta em 2009. E motivado passou a promover, a partir de 23 de junho de 2010, passeios culturais diurnos e noturno no Cemitério Municipal Ana Rosa de Paula de Jaú . E “no dia 2 de dezembro de 2011 foi o primeiro Sarau Arte Cemiterial de Jaú, primeiro Sarau de Arte Cemiterial do Estado de São Paulo e o Segundo do Brasil” (Imagem 4). (Depoimento de Júlio Polli⁴, URCAMP documenta Sarau Noturno, 2013)



Imagem 4: Sarau Arte Cemiterial. Fotografia de André Ricardo.

Aline Rodrigues, conta que conheceu Polli em 2011 num dos passeios de arte cemiterial, e desde então tornaram-se amigos. A partir daí conheceu a proposta de realização do Sarau Arte Cemiterial, sendo convidada para atuar como a Dona Morte:

O sarau era em formato de um teatro itinerante, onde as pessoas caminhavam até os personagens históricos da cidade de Jaú interpretados por atores de teatro. Tendo outras atrações como piano, coral e dança e Júlio Polli como o guia de todos contando sobre a simbologia cemiterial e a história de personagens históricos do cemitério. Essa atmosfera misteriosa me fascinou, era arte, cultura, história em um só lugar, mesmo que o lugar inusitado fosse um cemitério. O sucesso foi absoluto!! E durante os anos tivemos o 2 Sarau Cemiterial que teve a mesma atmosfera, artistas que deram continuidade a esse trabalho ...e claro muito sucesso!! Essa repercussão chamou atenção da tv da região, aparecendo

⁴ Polli faleceu em 2016 e no dia 2 de dezembro ocorreu uma apresentação especial do Sarau Cemiterial Júlio Polli, uma iniciativa de amigos, que formam o grupo Thanatus.

no programa Revista de Sábado, da filiada da Globo no interior de São Paulo, além de mídia municipal. (Depoimento de Aline Rodrigues, 15/06/2017)

Além dos projetos citados existem uma multiplicidade de outras ações e eventos culturais que promovem a ressignificação dos cemitérios históricos como espaços culturais, como destaca Maria Elizia Borges:

As visitas guiadas em cemitérios no período noturno, acompanhadas com programações artísticas, foram iniciadas há pouco tempo no Brasil. Em 2014 foi implantado o projeto Memória e Vida Consolação, no Cemitério da Consolação (1858) em São Paulo. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o Serviço Funerário Municipal estão realizando práticas culturais diversas, com o objetivo de inovar o uso do espaço cemiterial com apresentações noturnas de música, peças de teatro e projeção de filmes. Essa proposta é muito similar à que prevêem os programas denominados “noite de Lua Cheia”, realizados nos cemitérios museus instalados nas cidades latino-americanas de Medellín (Colômbia) e Lima (Peru). (BORGES, 2016, p. 14)

Podemos ainda destacar outras experiências como as “Visitas Guiadas no Cemitérios”, em Porto Alegre, promovidas desde 1997, pelo historiador Daniel Teixeira Meirelles Leite⁵. Meirelles Leite salienta a importância de desmistificar os cemitérios que apesar de tantos anos de pesquisas e de passeios ainda continua sendo visto como um tema mórbido:

Depois de 21 anos fazendo palestras e visitas guiadas nos cemitérios do Rio Grande do Sul, percebo o seguinte: se a visita for direcionada para estudantes de escolas e faculdades, há um interesse grande no assunto visto ser novidade uma aula no cemitério. Por outro lado, se a palestra for direcionada para o público em geral, ainda percebo uma certa resistência por parte das pessoas, principalmente os mais velhos que ainda possuem a ideia de que os cemitérios são locais apenas para sepultar seus entes. É necessário utilizarmos o entusiasmo dos estudantes para despertarmos a importância dos cemitérios em nossa comunidade. É igualmente importante desmistificar esta ideia, por parte dos mais velhos, mostrando que esses espaços são espaços de cultura e estudos das mais diversas áreas (Depoimento de Daniel Teixeira Meirelles Leite, 1º de junho de 2017)

Já o “Grupo Cemiterium: Teatro e Pesquisa”, atuou de 2006 a 2013, coordenado por Kate Rigo, tinha o objetivo de conscientizar adolescentes e a comunidade educativa sobre a importância do cemitério como patrimônio histórico, artístico, educacional e cultural. As experiências vivenciadas por Rigo resultou no livro “Vamos começar pelo fim?” (2016), uma reflexão sobre a morte, adolescência, suicídio e educação cemiterial.

E, a partir dos anos 90, ocorreu um crescimento do turismo cemiterial, que segundo Queiroz (2008), foi propiciado por eventos científicos e associações que promovem o

⁵Atuou como pesquisador no grupo dos Cemiteriais do Professor Bellomo.

turismo em rede. O autor salienta as vantagens do turismo nos cemitérios históricos, seja na multiplicidade dos roteiros que podem ser construídos, como na qualidade da manutenção e conservação do acervo:

Em primeiro lugar, o facto do turista-tipo ser sobretudo de média ou elevada formação académica e de médio ou elevado poder económico. Ainda assim, são diversificadas as motivações para o turista dos cemitérios históricos e monumentais europeus, destacando-se sobretudo duas: A visita a locais de elevado significado histórico, literário ou patriótico, como é o caso de túmulos de grandes escritores, músicos, líderes políticos e ideológicos, ainda que estes túmulos não tenham qualquer interesse artístico. A visita a peças de arquitetura e escultura marcantes. (...) Uma outra grande vantagem é o facto do turismo visível e regular despertar a consciência das entidades que tutelam os cemitérios, assim como dos concessionários dos jazigos, no que diz respeito à sua conservação e restauro. Quanto mais forem as visitas, maior é o incómodo social por uma obra nova de fraca qualidade ou por falta de manutenção rigorosa dos espaços públicos do cemitério (QUEIROZ, 2008, p. 6).

Além das vantagens elencadas pelo autor, acreditamos que o turismo cemiterial contribui para o desenvolvimento de uma região. Tradicionalmente existe a associação de desenvolvimento com crescimento económico, delegando às empresas e ao poder público a responsabilidade pela retração ou expansão de uma região. Mas atualmente o desenvolvimento regional, local ou territorial, é definido como um conjunto de mudanças e transformações que podem ser observadas na sociedade, economia, política, ambiental e cultura (OLIVEIRA, 2002).

O pesquisador Francisco Queiroz⁶, trabalha com o tema da arte cemiterial desde o final do ano de 1994 e a primeiras visitas guiadas datam do final de 1999. E destaca que inicialmente eram esporádicas, mas a contar de 2002 a procura e o público envolvido tem aumentado bastante. Queiroz salienta a importância das visitas guiadas para a educação e conscientização da população sobre a magnitude da arte cemiterial e, também, para a manutenção e responsabilização por parte das instituições que tutelam os cemitérios:

Este é um processo imparável, em que as próprias instituições que tutelam os cemitérios percebem que seria um erro não embarcar. Portanto, eu vejo o futuro, a este nível de modo muito optimista. Graças a estas visitas, consegui estancar muita destruição. Não tudo, mas muita coisa. As visitas consciencializam, mas também responsabilizam. Os responsáveis da tutela ficam sempre com muita vergonha quando eu, num cemitério, falo de monumentos que estão a cair... no ano seguinte, em alguns casos, eles estão restaurados. E assim, aos poucos, as coisas vão-se compondo. Mas ainda há muito por fazer (Depoimento de Francisco Queiroz, 31 de maio de 2017).

⁶ Doutor em História da Arte, Coordenador Adjunto do Grupo de Investigação "Património, Cultura e Turismo" do CEPESE/Universidade do Porto, Portugal. Foi o precursor de inúmeras visitas guiadas realizadas nos cemitérios portugueses.

Além das ações citadas existe atualmente grupos de profissionais que buscam propiciar um espaço de reflexão e repercussão das pesquisas e ações voltadas para a gestão, preservação e recuperação de cemitérios patrimoniais. Um exemplo bastante pertinente é a *Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales*, criada em 2000 em Medellín, Colômbia. A cada ano a *Red* realiza seu encontro anual, nos mais diversos países, para fortalecer o diálogo entre os saberes científicos e práticos voltados para preservação do patrimônio cemiterial. No Brasil existe Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) criada em 2004, entidade sem fins lucrativos, com sede em Curitiba/PR, que promove encontros bianuais, para refletir temas a morte, o morrer e os cemitérios.

Considerações finais

Observamos, diante do que foi exposto que as pesquisas em torno da estética cemiterial cresceram muito nos últimos anos, seja por tentar refletir mais sobre a morte ou por tentar conhecer o passado através destas fontes. E atualmente existe a compreensão de que os cemitérios são museus a céu aberto, que possuem acervos de valor inestimável e revelam um universo de beleza e múltiplos significados.

Assim, gradativamente, as pesquisas saíram do ambiente acadêmico e adquiriram múltiplos formatos tais como passeios, visitas, encontros, roteiros turísticos e eventos culturais, sendo que em todos a maior preocupação é de educar a comunidade e preservar o belíssimo acervo dos cemitérios patrimoniais.

E atualmente, existe de uma forma bastante expressiva, a compreensão de que os cemitérios se caracterizam como instituições culturais, espaços de memória, acervos documentais ou ainda podem ser considerados como grandes galerias de arte, e esses atributos evidenciam a importância de sua preservação.

Referências Bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS (ABEC). Disponível em <http://estudoscemiteriais.com.br/index.php/a-abec/> Acesso em 12 jun de 2017.
- ARAÚJO, Thiago Nicolau de Araújo. *O Que Amamos não Esquecemos: Cemitérios - Finitude - Teologia*. Lisboa: Chiado, 2016.
- ARIÈS, Philippe. 1982. *O Homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Vol. II, 1982.
- BASTIANELLO, Eliane M. Tonini. *Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)*. Dissertação de Mestrado do Programa em Memória e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2010.
- BELLOMO, Harry. *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- BORGES, Maria Elizia. *Um Espaço Expandido na Cidade de Bagé (Apresentação)*. In. ISMÉRIO, Clarisse. *Sarau Noturno*. Lisboa: Editora Chiado, 2016.
- BORGES, Maria Elizia. 2002. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Fundamentos da educação patrimonial*. Ciências e Letras (Porto Alegre), n.27, 2000. p. 25-35.
- HORTA, Maria de Lourdes, Grumberg, Evelina & Monteiro, Adriane. 1999. *Guia Básico da Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, 1999.
- ISMÉRIO, Clarisse. *Sarau Noturno*. Lisboa: Editora Chiado, 2016.
- ISMÉRIO, Clarisse. *Os Símbolos e Representações Femininas da Arte Cemiterial no Período Republicano do Rio Grande do Sul/ Brasil (1889-1930)*. Revista Grafía Universidad Autónoma de Colombia, v. 13, p. 48-65, 2016. Disponível em: <http://revistas.fuac.edu.co/index.php/grafia/article/viewFile/671/623> Acesso em 13 jun 2017.
- ISMÉRIO, Clarisse. 2013. *Projeto Cultural Sarau Noturno: desenvolvendo a educação patrimonial através da arte cemiterial*. Revista Vox Musei, Lisboa, v. 1, p. 113-127.
- ISMÉRIO, Clarisse. 2007. *Projeto História através da Arte Cemiterial*. Universidade da Região da Campanha (URCAMP), Bagé, RS.
- LYOTARD, Jean-François. 1993. *O pós-moderno explicado as crianças*. 2. Ed. Lisboa: Dom Quixote.

QUEIROZ, Francisco. *Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal*. In "Anuário 21 Gramas", n.º 1, 2008, p. 7-12. Disponível em: http://www.franciscoqueiroz.com/Cemiterios_historicos_Potencial_Turistico_Portugal_versao_21_gramas.pdf Acesso em 31 mai 2016.

RED IBEROAMERICANA DE GESTIÓN Y VALORACIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES. Disponível em: www.redcementariospatrimoniales.blogspot.com Acesso 12 jun 2017.

RIGO, Kate. *Vamos começar pelo fim?* Lisboa: Chiado, 2016.

SILVA, Sérgio Roberto Rocha da. *A Representação do Herói na Arte Funerária do Rio Grande do Sul (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

SOARES, Fernanda . 2006. *Santa Thereza: Um estudo sobre as Charquedas da Fronteira Brasil – Uruguai*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Brasília: MEC-RJ, 1972.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Revista Brasileira de Cultura. Ano V, Janeiro/Março, 1973, n. 15, p. 9-16.